

O QUE PODE UMA TEORIA? ESTUDOS TRANSVIADOS E A DESPATOLOGIZAÇÃO DAS IDENTIDADES TRANS

Berenice Bento¹

Resumo: A partir da segunda metade do século XX um volume considerável de artigos científicos foram produzidos em torno da existência trans. Estas teorias se fundamentavam numa perspectiva patologizante destas experiências. Os estudos transviados serão os contradiscursos que irão propor uma nova interpretação para a relação entre corpo-sexualidade-gênero e irão estabelecer uma forte disputa com o *mainstream*. Apontarei que o processo de luta contra a patologização das identidades trans em curso tem como elemento discursivo estruturante uma compreensão de identidade que nega qualquer determinismo biológico.

Palavras-chave: estudos transviados, gênero, pessoas trans, despatologização.

Abstract: From the second half of the twentieth century a considerable amount of scientific papers have been produced around the trans existence. These theories were based on a pathologizing perspective of these experiences. The transviados studies will be counter-discourses that will propose a new interpretation for the relationship between body-sexuality-gender and will establish a strong dispute with the mainstream. Point out that the process of fighting the pathologizing of trans identities as ongoing structuring discursive element has an understanding of identity that denies any biological determinism.

¹ Doutora em Sociologia. Professora da UFRN. Pesquisadora do CNPq.

Key words: transviados studies, gender, transgender, depathologization.

É inegável a força que determinados corpos teóricos desempenham na produção de novos sujeitos coletivos. A estreita relação entre teoria e prática não se limita àqueles que negam a neutralidade científica. Durkheim, considerado o fundador da Sociologia, talvez tenha sido, dentro os sociólogos clássicos, o que mais estava atento aos acontecimentos de sua época. Sua importância em todo o processo de reformulação do ensino francês é um dos seus engajamentos na vida social francesa. Há dois aspectos do pensamento deste autor que merecem destaque: 1) Por um lado, foi um pensador da ordem (Aron, 2002) e termos como "desintegração social", "falta de coesão" nos relevam que a mudança só teve lugar em sua obra como algo "anômico", prejudicial à solidariedade social. 2) Ao mesmo tempo, Durkheim realizou uma disputa epistemológica com outros campos do saber ao afirmar que há determinadas ocorrências na vida social que apenas a Sociologia teria condições de propor explicações eficientes.

Na *Divisão Social do Trabalho* (2004) ele irá disputar com os economistas os significados em torno da função da divisão social do trabalho. Onde se via relações puramente mercantis, competitivas e individualistas, Durkheim encontrou elementos fundamentais para manutenção da integração social, pois quanto maior a divisão social do trabalho, afirmava o autor, maior seria o nível de dependência social. Também não podemos esquecer o seu fôlego de polemista ao

afirmar que temas pertencentes exclusivamente à Psicologia, como o suicídio, deveriam ser objeto de estudo da Sociologia.

Em *O Suicídio* (2008) vemos um pensador "invadir" os limites disciplinares de outras áreas. A Psicologia até então tinha o domínio explicativo exclusivo para as motivações que levam um sujeito a tirar a própria vida. Durkheim nos dirá que sob o rótulo geral de "suicídio" escondem-se causas diversas. A partir daí nos apresentará uma fascinante tipologia: suicídio altruísta, suicídio egoísta e suicídio anômico. O ponto de partida para construção de cada tipo não será a consciência individual, mas o meio social, pois seria aí onde estariam as explicações que levam o sujeito a cometer este ato extremo.

Começo este artigo com o exemplo do Durkheim, um autor que pouco inspira os estudos transviados², porque enxergo em sua ação de pesquisador uma fonte de estímulo para a prática científica. A disputa que os estudos transviados estão realizando com outros saberes instituídos em torno das sexualidades, gêneros e dimensões raciais, tem como efeito invadir áreas do conhecimento antes tidas como as verdadeiras porta-vozes de determinadas esferas da vida. O processo de desnaturalização das identidades de gênero e das práticas sexuais que está em curso realiza-se mediante pesquisas histórias e conjunturais a partir de múltiplos recortes temáticos e de técnicas de pesquisa.

² Estudos transviados é uma tradução cultural idiossincrática que faço para os estudos *queer* (Bento, 2009).

Nos estudos transviados os discursos médicos passam a ser analisados como engrenagens discursivas que limitam a existência da diversidade dos desejos, dos gêneros, das sexualidades ao âmbito das estruturas fixas corpóreas. E assim se estabelece uma disputa epistemológica onde o corpo passa a ser um significante com múltiplos significados, uma estrutura estruturante em permanente processo de transformação.

Os cromossomos, hormônios, estruturas cerebrais, "diferenças naturais" entre homens e mulheres, são inseridos em contextos sociais e políticos onde a própria noção de corpo natural é posta em suspeição. Questões como: O que diferencia o homem da mulher? São recolocadas em outros termos: O que é um homem e uma mulher? Para que serve este lugar de gênero? Só é mulher quem tem um útero?

A emergência de um saber em torno das existências trans³ começou a se articular em meados do século XX. Nesse momento, aconteceu algo similar ao que ocorrera com a sexualidade no século XIX: uma voracidade do saber médico/psi (psicologia, psiquiatria e psicanálise) em construir protocolos e produzir diagnósticos diferenciais da transexualidade em relação às homossexualidades. O processo de estruturação daquilo que eu nomeei de "dispositivo da transexualidade"⁴ (Bento, 2014) representou a transformação de uma

³ As expressões "pessoas trans" e "existência trans" serão utilizadas aqui como um guarda-chuva para as múltiplas vivências de gênero.

⁴ Nos centros hospitalares que atendem as pessoas trans que querem realizar as cirurgias de transgenitalização a única nomeação que existe é "transexuais".

determinada ideologia de gênero em verdade científica. Nada do que se inscreveu sobre os trânsitos entre os gêneros no âmbito patologizante da clínica tinha ou tem uma gota de neutralidade científica. São valores morais e religiosos transfigurados em verdades científicas.

Para problematizar o dispositivo da transexualidade foi necessária a organização das pessoas trans como sujeitos coletivos, com voz e força política e, ao mesmo tempo, a produção de outro corpo teórico que fosse capaz de se contrapor à suposta verdade científica que fundamentava a patologização. Um novo corpo conceitual foi acionado para interpretar dimensões da vida tidas como imutáveis, ahistóricas: performance, heteronormatividade, normas de gênero, paródia de gênero⁵, dispositivo da transexualidade, heteroTerrorismo (2012).

Nos últimos anos as minhas pesquisas estão voltadas para as dimensões de gênero e sua centralidade na sustentação do projeto de ser humano (2014a) que o Estado aciona para distribuir bens materiais e simbólicos⁶. Retomarei aqui a discussão entre real e

⁵ Para uma discussão dos estudos transviados ver: Louro (1997), Gamson (2002), Jiménez (2002), Honeychurch (1997), Bento (2014a, 2014b, 2009, 2006), Miskolci e Simões (2007), Butler (2002), Preciado (2002, 2014), Sedgwick (2002, 1999), Pereira (2014), Colling (2011).

⁶ Para uma aproximação com pesquisas que tem como referencial teórico os estudos transviados no Brasil, sugiro a consulta dos trabalhos apresentados no I Seminário Internacional Desfazendo Gênero: Cidadania, Subjetividade e Transfeminismos. Em outros eventos científicos também é possível notar uma crescente adesão teórica a este campo teórico, a exemplo do Seminário Internacional Fazendo Gênero, Congressos da Sociedade Brasileira de Sociologia, ANPOCS, ABA, ABEH.

fictício, uma vez que a negação da possibilidade de conferir humanidade aos sujeitos que vivem as masculinidades e as feminilidades para além dos marcadores biológicos (pênis/vagina/seios/testosterona/cromossomos) tem na naturalização das identidades o elemento discursivo fundamental.

A noção de humanidade que nos constitui requer a categoria de gêneros e este só é reconhecível, só ganha vida e adquire inteligibilidade, segundo as normas de gênero, em corpos-homens e corpos-mulheres. Ou seja, a reivindicação última das pessoas trans é pelo reconhecimento social de sua condição humana.

Um corpo teórico pode ser lido como uma máquina de guerra. Os conceitos, suas articulações, a relação com os colaboradores da pesquisa, são ferramentas que permitem ao/a pesquisador/a propor interpretações sobre as dimensões das relações sociais sobre a qual está debruçada. Durante décadas a única referência que se dispunha para explicar os trânsitos entre os gêneros eram os construtos disponibilizados pela saber-poder médico/psi. A adesão de ativistas e acadêmicos a uma perspectiva analítica contrária à naturalização das identidades, aos binarismos identitários e à análise da economia política dos discursos médicos/psi passaram a estabelecer novas possibilidades interpretativas. O pano de fundo destas disputas, conforme discutirei, está na relação entre natureza e cultura.

Herança de gênero e “estereótipos” de gênero

A demanda das pessoas trans em serem reconhecidas como

pertencentes a um gênero diferente daquele imposto socialmente tem tido reações de todos os lados: de setores feministas, psicanalistas, psiquiatras, médicos, religiosos, políticos. O ponto de unidade entre estes estava na certeza de que a masculinidade e feminilidade são prerrogativas dos cromossomos e hormônios. Portanto, ficaria a cargo das ciências médicas "tratar" os sujeitos que padecem desta ordem de transtorno e as Ciências Sociais nada teriam a dizer. Portanto, historicamente, houve uma densa cumplicidade de outras áreas do saber ao processo de exclusão das pessoas trans e das homossexualidades da categoria "humanidade". Os estudos transviados romperão os silêncios e acordos não ditos.

Esta perspectiva teórica argumentará que a dicotomia natureza (corpo) *versus* cultura (gênero) não tem sentido, pois não existe um corpo anterior à cultura, ao contrário, ele é fabricado por tecnologias precisas. O corpo-sexuado (o corpo-homem e o corpo-mulher), que dá inteligibilidade aos gêneros, encontra nas existências trans seus próprios limites discursivos, uma vez que aqui o gênero significará o corpo, revertendo assim um dos pilares de sustentação das normas de gênero. Ao realizar tal inversão, depara-se com outra "revelação": a de que o corpo tem sido desde sempre gênero e que, portanto, não existe uma essência interior e anterior aos gêneros. Quando se problematiza a relação dicotômica e determinista entre corpo e gênero, outros níveis constitutivos da identidade também se liberam para comporem arranjos múltiplos fora do referente binário dos corpos.

As travestis, as *drag queens*, transgêneros, cross dressing, os gays, as lésbicas, os *drag kings*, os/as transexuais têm sido objeto de estudo e intervenção de um saber que se orienta pela medicalização das condutas. No momento em que se quebra a determinação natural das condutas também se põe em xeque o olhar que analisa os deslocamentos enquanto sintomas de identidades pervertidas, transtornadas, disfóricas e psicóticas.

A radicalização da desnaturalização das identidades, iniciada pelos estudos e pelas políticas feministas, apontará que as expressões de gênero, as sexualidades, as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar. No campo da patologização das experiências trans dois conceitos se articulam para negar-lhes a autodeterminação: transtorno e estereótipos de gênero, sendo o segundo mais presente nos discursos de certos feminismos.

Para Collete Chiland (1999), psicanalista francesa, uma das características dos/as pessoas trans é a reprodução dos estereótipos de gênero. Segundo ela,

El discurso de los transexuales interrogados sobre lo que es la masculinidad o la feminilidad es notablemente pobre y conformista. El discurso típico de un transexual varon biológicamente es: “me casaría, me quedaría en la casa, me ocuparía de la cocina esperando que vuelva mi marido a la casa, pasearía a mi niño (adoptado, en un landau)”. Para no encontrarse reducidas a eso, las mujeres de nuestra cultura lucharon durante decenios, incluso siglos. (1999:71)

Pode-se inferir, por essa avaliação, que as mulheres uterinas já teriam superado os estereótipos de gênero, sendo as mulheres trans as responsáveis por recordarem uma época de subordinação das mulheres. No entanto, as performances discursivas que reproduzem a idealização da mulher dona de casa, esposa fiel, mãe, não se limitam às mulheres trans.

As teses de Chiland encontram-se com as de Janice G. Raymond (1979), conhecida por contrapor-se enfaticamente aos transexuais femininos (que ela chama de transexuais masculinos), denunciando-os como um embuste, uma tentativa a mais de o poder patriarcal invadir o território feminino, chegando a sugerir que a transexualidade teria a função de liquidar a população feminina. As "mulheres naturais" deveriam, então, denunciar e resistir a essa nova forma de dominação.

Será que uma leitura culpabilizante como a que faz Chiland ou acusatória, nos termos de Raymond, seriam suficientes para explicar os complexos mecanismos de entrada no mundo do gênero identificado pelas pessoas trans? Não seria equivocado exigir que as pessoas trans sejam naturalmente subversivos/as, quando também compartilham os sistemas simbólicos socialmente significativos para os gêneros? Será que a própria experiência já não contém em si um componente subversivo, à medida que desnaturaliza as expressões de gênero? Deve-se, ao contrário, perguntar o porquê das pessoas trans se identificarem discursivamente com determinadas performances de gênero qualificadas como retrógradas, submissas.

Embora correndo o risco de cansar o/a leitor/a, ainda se deve

perguntar: o que são estereótipos de gênero? Ideias preconcebidas? Juízos resultantes de determinadas expectativas que, por sua repetição, são rotinizados como verdades? Mas todos os sujeitos sociais não atuam de acordo com determinadas expectativas e suposições que, acredita-se, são as apropriadas para o seu gênero? Qual o sentido ou mesmo a operacionalidade teórica dos "estereótipos de gênero"?

De uma forma geral, as pessoas trans quando estão no início do processo de autorreconhecimento sentem dificuldades em falar de seus conflitos porque não sabem como nomeá-los. Como explicar às pessoas que seu desejo é vivenciar a experiência do outro gênero se seu órgão genital atua subjetivamente como proibidor dessa possibilidade de trânsito? Para terem mais segurança no processo de inserção no mundo do gênero, é certo que muitos tentam reproduzir o modelo da mulher submissa e do homem viril, pondo em destaque traços identificados com as normas de gênero.

No entanto, não se pode tomar a parte como todo. Há uma multiplicidade considerável de performances de gênero. Reconhecer esta diversidade é negar quaisquer possibilidades de análises que busquem construir indicadores universais para uma experiência social e cultural como é o gênero. As identidades não são monolíticas nem coerentes como nos fazem acreditar alguns discursos psicanalíticos que constroem, assim, uma representação estereotipada das pessoas trans ao apontarem que seus discursos são "*pobres e conformistas*" (Chiland, 1999). Daí o incômodo em pensarmos em termos de "identidade de gênero das pessoas trans",

quando o que se observa nas interações do mundo da vida é uma multiplicidade de arranjos resultado do cruzamento complexo dos marcadores sociais da diferença⁷. O que significa afirmar que antes de ceder à tentação de construir modelos explicativos gerais (ou de longo alcance) o mais eficaz seria pensar as práticas dos sujeitos em contextos concretos onde classe social, religião, região, raça/etnia, geração/temporalidade, nacionalidade/espço, sexualidade e outros possíveis marcadores sociais da diferença (Brah, 2006) se articulem.

Pode-se questionar a representação das pessoas trans como um todo homogêneo, universal, monolítico, sem contradições e diferenças internas ou, o que seria o mesmo, que os níveis discursivo e prático devem ter uma correspondência, sem contradições internas, dando a impressão de que só há uma única forma de vivenciar essa experiência. Aquele que consegue se ajustar às definições e aos critérios estabelecidos pelo saber médico para um transexual, por exemplo, seria um “transexual verdadeiro”. Tal representação é construída levando em conta exclusivamente um momento da vida dessas pessoas: a consulta, dentro de um determinado campo social, o hospital. Existem conflitos entre os sistemas discursivos, conforme salientou Scott (1999), e contradições internas a cada um deles, o

⁷ Vale destacar um "escorregão discursivo" reiterado em diversos textos em relação às expressões de gênero. Quando se fala de pessoas trans, suas demandas são vinculadas à dimensão da "identidade de gênero". No entanto, quando a referência são as mulheres cromossomalmente XX ou homens XY, não se menciona "identidade", apenas "gênero". É como se os corpos inteligíveis das pessoas não trans bastasse para lhes garantir a sua existência genericada, sua pertença a um gênero. Em todos os documentos e textos relacionados à violência contra as mulheres, por exemplo, não há menção às suas identidades de gênero, apenas "gênero".

que retira o caráter transparente, óbvio, destes discursos, tornando-os mais complexos e escorregadios.

Além de relacionar a enunciação dos discursos aos campos sociais nos quais são proferidos, pode-se sugerir outra possibilidade explicativa para que se represente as pessoas trans como “reprodutores dos estereótipos de gênero” e que diz respeito à forma como entram no campo do gênero identificado. As pessoas trans foram socializados/as em instituições que as prepararam para atuar de acordo com o gênero que lhe foi atribuído. Depois de um longo período de impedimentos, começam a vivenciar experiências do gênero com o qual se identificam. Como não tiveram acesso à socialização de uma menina (para as trans femininas) ou de um menino (para os trans masculinos), tampouco vivenciaram os processos de interiorização das verdades que resultam na incorporação de uma determinada estilística dos gêneros, terão de aprendê-las.

Certas incorporações de gênero são difíceis de serem apagadas. Podemos interpretar estas permanências como heranças de gênero. Elas marcam as estilísticas corporais como uma memória atualizada nas performances generificadas, ou como citações (mesmo não desejadas) de um passado que remonta à socialização primária. A questão que se impõe, quando se autodefinem como trans, é encontrar pontos de apego socialmente aceitos para o gênero identificado. Ou seja, quais performances de gênero devo atualizar para ser aceito como membro do gênero identificado?

A busca de inserção e reconhecimento no gênero identificado é um processo subjetivamente tenso. Não basta dizer "eu sou mulher". Esta evocação linguística deve ser acompanhada de um conjunto de atos que tenham uma linha de continuidade entre este ato performático da fala e o ato de reconhecimento deste meu desejo pelo outro (Butler, 2006). A produção da abjeção, daquilo que a linguagem não alcança, está no momento em que há descontinuidade, onde não há relação social possível. Aí se instaura uma relação de abjeção onde o léxico acionado para definir o outro passa a ser "bicho esquisito", "macho-fêmea", "aberração da natureza", "monstruosidade".

Um das minhas colaboradoras (Bento, 2014) me pediu para eu ser honesta: *"Por favor, Berenice, me diga, o que tem em mim que faz com que as pessoas me olhem com nojo? O que tem em mim que lembra um homem?"* A força da socialização primária estava ali, nos gestos, na forma de cruzar as pernas. Ela fazia um esforço diário para ser reconhecida como mulher. Mas como o gênero é um processo de reconhecimento social permanente, cada olhar do Outro funcionava como uma polícia denunciando-a como uma impossibilidade. Para muitas pessoas trans, ao contrário, esta herança de gênero faz parte de sua biografia e a utilizam como elemento politizador de sua existência, demandando o direito a viver o gênero na fronteira, através de atos performáticos que borrem intencionalmente os limites binários entre os gêneros.

Não estou afirmando que existam mulheres e homens "de verdade" levando-se em conta a socialização primária. Apenas é

importante destacar que quando alguém se reconhece como uma pessoa trans, ou portanto, até determinado momento de sua vida obteve a educação de um gênero que ele/a rejeita, deverá a partir daí fazer um conjunto de movimentos para se incorporar ao novo gênero. Neste momento, são produzidos efeitos corporais e discursivos que, ao contrário de serem "estereótipos", são “paródias de gênero” (Butler, 1999).

É neste movimento de convencimento e inserção no mundo do outro gênero que a discussão do real e do fictício aparece. O “real” é identificado como a verdade, e a verdade é ditada pelos imperativos do corpo. Outra vez retomamos as perguntas: o que é um homem e uma mulher de verdade? O que é ter sentimentos femininos e masculinos? Como concluir que este ou aquele sentimento é mais ou menos feminino/masculino? Como reconhecer um/a homem/mulher de verdade?

Entre o real a o fictício: paródias de gênero

Os sujeitos constroem suas ações por suposições e expectativas. No caso do gênero, as suposições funcionam como se uma essência interior que marca a existência da mulher e do homem pudesse pôr-se a descoberto. Cada ato é uma tentativa de desvelamento dessa certeza, como se fosse “a natureza” falando em atos. Esta suposição gera um conjunto de expectativas fundamentalmente baseadas nas idealizações de uma “natureza perfeita”, como é o exemplo do “instinto materno” ou do “homem naturalmente viril e forte”. As expectativas, em articulação com as

suposições, acabam produzindo o fenômeno mesmo que antecipado (Butler, 1999), pois fazem com que os sujeitos tentem, em suas práticas, reproduzir modelos que se supõem como verdadeiros (naturais) para seu gênero ou para o gênero com o qual se identificam.

O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiteraões cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros. Tanto os/as homens/mulheres biológicas se fazem na repetição de atos que se supõe sejam os mais naturais. Através da citacionalidade de uma suposta origem, pessoas trans e não trans se igualam.

Nessa perspectiva, não existe um referente natural, original para se vivenciar as performances de gênero. O original, segundo as normas de gênero, está referenciado no corpo (corpo-vagina-mulher, corpo-pênis-homem). Aí residiria a verdade dos gêneros e aqueles que constroem suas performances fora do referente biológico são interpretados como cópias mentirosas da mulher/homem de verdade. Nesse processo, os *gays*, as lésbicas, os transexuais, as travestis, a mãe “desnaturada” são excluídos daquilo que se considera humanamente normal. Para uma concepção essencializadora, essas

práticas performativas não passam de cópias burlescas das mulheres e dos homens de verdade. Segundo tal perspectiva,

No puede haber mayor tragedia ni mayor error que embarcarse en una serie de mutilaciones o interferencias en la forma del cuerpo de una persona o el balance de sus glándulas en el equivocado intento de convertirla en una parodia de algo que nunca podrá ser por mucho que lo desee. No podemos convertir a un hombre en una mujer ni a una mujer en un hombre. (Stafford-Clark *apud* King, 1998:146)

A verdade dos gêneros, no entanto, não está nos corpos; estes, inclusive, devem ser observados como efeitos de um regime que não só regula, mas cria as diferenças entre os gêneros (Laqueur, 2001). As experiências trans destacam os gestos que dão visibilidade e estabelecem o gênero através de negociações e de interpretações, na prática, do que seja um homem e uma mulher. A aparente cópia não se explica em referência a uma origem. A própria ideia de origem perde o sentido e passa-se a considerar a/o mulher/ homem de verdade também como cópia, uma vez que tem de assumir o gênero da mesma forma: através da reiteração dos atos.

Nas versões de masculinidade e feminilidade que as múltiplas expressões dos gêneros dissidentes atualizam em suas performances está o componente mimético, no sentido interpretativo que o termo mimeses enseja. Não existe uma forma mais verdadeira de ser mulher ou homem, mas configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com as idealizações do feminino e do masculino.

Uma derivação daqueles que analisam as vivências trans como uma imitação das “mulheres/homens de verdade” está nos que os/as qualificam como reprodutores dos estereótipos. Tal afirmação reforça, por outros caminhos, a tese de que existe uma verdade única para os gêneros e como corolário imediato, a patologização. Na aparência de uma crítica feminista, como as que fazem Chiland e Raymond, recupera-se o essencialismo.

Quando se destaca o aspecto “estereotipado” das práticas trans, por um lado se reforça a tese de que há uma verdade para os gêneros que referencia-se no corpo-sexuado. Por outro, não se problematiza as múltiplas interpretações e as práticas internas aos gêneros dissidentes sobre o masculino e o feminino, apagadas sob a rubrica genérica de “transexuais”. A patologização das experiências de gênero que estão às margens da norma, encontra aí um argumento para justificar a permanente produção de um saber que institui e posiciona as pessoas trans como sujeitos enfermos.

A pessoa trans que aparece nos documentos oficiais⁸ como um “transtornado” ou disfórico, é uma ficção e desconstruí-la significa escutar as vozes dos sujeitos que vivem essa experiência e que, em última instância, foram os grandes silenciados. Os corpos das pessoas trans e não trans são fabricados por tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos.

⁸ Por documentos oficiais refiro-me ao DSV-5 e ao CID-11.

O que diferencia as paródias é a legitimidade que as normas de gênero conferem a cada uma delas, instaurando, a partir daí, uma disputa discursiva e uma produção incessante de discursos sobre a legitimidade de algumas existirem e de outras serem silenciadas. Quando as pessoas trans atualizam em suas práticas interpretações do que seja um/a mulher/homem através de atos corporais materializados em cores, modelos, acessórios, gestos, o resultado é uma paródia de outra paródia, que desestabiliza a identidade naturalizada, centrada no homem e na mulher “biologicamente normais”.

Contrapondo-nos a essa visão, o que se nota é que as pesquisas que acontecem nos marcos dos estudos transviados propõem uma leitura das performances de gênero enquanto paródias, desfazendo os limites e as fronteiras que separam o natural do artificial, o real do irreal, a verdade da mentira. Se pensarmos em termos de projetos estratégicos, podemos afirmar que este campo de estudo tenciona as bases estruturais da concepção hegemônica de humanidade.

A existência trans põe em destaque aqueles atos discursivos e corporais considerados socialmente importantes para dar vida aos corpos-sexuados, ao mesmo tempo em que os desloca. Se a experiência nega a origem biológica para a explicação dos comportamentos, contraditoriamente, é a pressuposição dessa origem natural que gerará as expectativas e as suposições sobre as condutas apropriadas para os gêneros. Suas histórias interrompem a linha de continuidade e de coerência que se supõe natural entre corpo,

sexualidade e gênero, ao mesmo tempo em que apontam os limites da eficácia das normas de gênero e abrem espaços para produção de fissuras que podem, potencialmente, transformar-se em contradiscursos e libertar o gênero do corpo-sexuado.

BIBLIOGRAFIA

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. New York/London: Routledge, 1999.

_____. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

BENTO, Berenice. Prefácio, in: PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo: Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **O que é transexualidade**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2012 (2a. edição).

_____. **A (re)invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Natal:EdUFRN, 2.a edição (no prelo), 2014a.

BENTO, Berenice e FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (orgs.) **Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania e transfeminismo**. Natal: Editora da UFRN (no prelo), 2014b.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**. nº26, 2006.

COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40 + o que no Brasil?** Salvador: EdUFBA, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins fontes. 2007.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O suicídio**. São Paulo, Martin Claret, 2008.

CHILAND, Colette. **Cambio de sexo**. Madrid: Biblioteca Nueva, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

HONEYCHURCH, Kenn Gardner. La investigación de subjetividades disidentes: retorciendo los fundamentos de la teoría y la práctica. In: **Debate Feminista**. México, a.8, v.16, octubre, 1997.

JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (org.) **Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer**. Barcelona: Icaria, 2002.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RAYMOND, Janice. **The transsexual empire**. Beacon Press, 1979.
Revista CULT, Dossiê Teoria Queer, 2014.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite et alli. (orgs.) **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

KING, Dave. Confusiones de gênero: concepções psicológicas y psiquiátricas sobre el travestismo y la transexualidad. In: NIETO, José Antonio. (org.) **Transexualidad, transgenerismo y cultura: antropología, identidad y género**, Madrid: Talasa Ediciones, 1998.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Teoria queer e a reinvenção dos corpos. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 27, p. 469-477, 2006.

_____. **De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos**. São Paulo: Annablume, 2014.

MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio Assis. Dossiê Sexualidades Disparatadas. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, n. 28, 2007.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual**. Madrid: Pensamiento Opera Prima, 2002.

_____. *Testo Yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Breast Câncer: An adventure in applied desconstruction. In: JANET, Price and SHILDRICK, Margrit. (ed.) **Feminist theory and the body: a reader**. New York: Routledge, 1999.

_____. A (queer) y ahora. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. (org.) **Sexualidades transgresoras: una antología de estudios queer**. Barcelona: Icaria, 2002.